



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica



Correspondência ao Autor
 Nome: Terciane Ângela Luchese
 E-mail: taluches@ucs.br
 Instituição Universidade de Caxias do Sul, Brasil



Submetido: 16/02/2019
 Aprovado: 17/06/2019
 Publicado: 31/07/2019

[doi> 10.20396/rho.v19i0.8654706](https://doi.org/10.20396/rho.v19i0.8654706)
 e-Location: e019040
 ISSN: 1676-2584



OS MOMENTOS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO INTERIOR DO GRUPO ESCOLAR FARROUPILHA/RS (1944-1949): “ERA UM MOMENTO TAMBÉM ONDE A GENTE FAZIA UM ESTUDO DAS DIFICULDADES, OU DAS IDEIAS NOVAS, MODERNAS”

  Terciane Ângela Luchese¹

  Cassiane Curtarelli Fernandes²

RESUMO

O texto resulta de uma pesquisa que buscou compreender o processo histórico educacional do Grupo Escolar Farroupilha, entre os anos de 1927 a 1949, dando ênfase ao estudo dos sujeitos e das práticas escolares produzidas em seu cotidiano. Assim, o objetivo deste artigo é conhecer e compreender os momentos de formação docente, ocorridos no interior dessa instituição, durante a década de 40 do século XX. Entre as fontes consultadas estão documentos produzidos pela própria instituição, preservados no arquivo do Colégio Estadual Farroupilha (Farroupilha/RS), analisados à luz da História Cultural. Os resultados apontam para a importância desses momentos destinados a formação em serviço, uma vez que contribuíram para o aprendizado e para a discussão de novas ideias com base nos princípios, finalidades, ideais, práticas e métodos fundamentados pelas concepções da Escola Nova que orientaram a reforma educacional no Rio Grande do Sul e o trabalho desenvolvido pelo CPOE/RS.

PALAVRAS-CHAVE Instituição escolar. Formação em serviço. Grupo escolar.



MOMENTS OF IN-SERVICE TEACHERS' TRAINING AT GRUPO ESCOLAR FARROUPILHA/RS (1944-1949): "IT WAS ALSO IN THIS MOMENT THAT WE STUDIED DIFFICULTIES, OR NEW, MODERN IDEAS"

Abstract

This text is the result of a research that tried to understand the historic educational process of Grupo Escolar Farroupilha, between the years of 1927 and 1949, giving emphasis to the study of subjects and school practices produced in its daily routine. In this way, the objective of this article is to know and to understand the moments of in-service teachers' training, occurred at this institution, during the forties in the twentieth century. Among the sources consulted, there are the documents produced by the institution itself, preserved in the archive of Colégio Estadual Farroupilha (Farroupilha RS), which were analyzed in light of Cultural History. Results indicate the importance of these moments allocated to in-service training, as they contributed to learning and to discussion of new ideas, based on principles, objectives, ideals, practices and methods founded by conceptions of Escola Nova that guided the educational reform in Rio Grande do Sul and the work developed by CPOE/RS.

Keywords: School institution. In-service teachers' training. Grupo escolar.

LOS MOMENTOS DE FORMACIÓN DOCENTE EN EL INTERIOR DEL GRUPO ESCOLAR FARROUPILHA/RS (1944-1949): "ERA UN MOMENTO TAMBIÉN EN EL QUE HACÍAMOS UN ESTUDIO DE LAS DIFICULTADES, O DE LAS IDEAS NUEVAS, MODERNAS"

Resumen

Este texto resulta de una investigación que buscó comprender el proceso histórico educacional del Grupo Escolar Farroupilha, entre los años de 1927 a 1949, dando énfasis al estudio de los sujetos y de las prácticas escolares producidas en su cotidiano. De esta forma, el objetivo de este artículo es conocer y comprender los momentos de formación docente, ocurridos en el interior de esta institución, durante la década del 40 del siglo XX. Entre las fuentes consultadas están documentos producidos por la propia institución, preservados en el archivo del Colegio Estadual Farroupilha (Farroupilha/RS), analizados a la luz de la Historia Cultural. Los resultados indican la importancia de estos momentos destinados a la formación interna, una vez que contribuyeron con el aprendizaje y con la discusión de nuevas ideas con base en los principios, finalidades, ideales, prácticas y métodos fundamentados por las concepciones de la Escola Nova que orientaron la reforma educacional en Rio Grande do Sul y el trabajo desarrollado por el CPOE/RS.

Palabras clave: Institución escolar. Formación interna de docentes. Grupo escolar.



INTRODUÇÃO

Semanalmente havia uma hora pedagógica. Era chamada assim, uma reunião dos professores, que a gente chamava de Hora Pedagógica. Então, no transcurso dessa hora, os professores recebiam informações, através da diretora, que vinham das delegacias, ou da Secretaria de Educação.
(Professora Olga Ramos Brentano, 1991).

A epígrafe de abertura desse texto, assim como a afirmação “era um momento também onde a gente fazia um estudo das dificuldades, ou das ideias novas, modernas” constante no título, são trechos de memórias dos tempos de docência de Olga Ramos Brentano, professora que durante anos atuou no Grupo Escolar Farroupilha, localizado no município de Farroupilha (RS). Essas lembranças, aqui evidenciadas, ressaltam o objetivo deste artigo: conhecer e compreender os momentos de formação continuada docente, ocorridos no interior daquele grupo escolar, durante alguns anos da década de 40 do século XX como parte de um projeto de modernização da educação gaúcha ocorrido entre décadas de 1930 e 1940.

Sendo assim, além dessas memórias de docentes³ também investigamos os registros contidos nos livros Hora da Leitura (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1944-1947), Horas Pedagógicas (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1948-1950) e Círculo de Estudos (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1947-1951), preservados no Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha (ACEF)⁴. É válido destacar que a escrita desse artigo resulta de uma pesquisa que buscou compreender o processo histórico educacional do Grupo Escolar Farroupilha, entre os anos de 1927 a 1949, dando ênfase ao estudo dos sujeitos e das práticas escolares produzidas em seu cotidiano.

Desse modo, ao analisarmos quem foram os sujeitos, entre eles, os docentes que ajudaram a escrever a história do Grupo Escolar Farroupilha, vislumbramos a oportunidade de destinar uma atenção especial aos momentos de formação em serviço, uma vez que foram importantes para o aprendizado e para a discussão de novas ideias com base nos princípios, finalidades, ideais, práticas e métodos fundamentados pelas concepções da Escola Nova que orientaram a reforma educacional no Rio Grande do Sul e o trabalho desenvolvido pelo Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais (CPOE/RS).

A metodologia utilizada, à luz da História Cultural e dos estudos de História da Educação, foi a análise documental pautada especialmente no método do “paradigma indiciário” proposto por Ginzburg (2007) em que o historiador se torna um pouco “Sherlock Holmes” ao investigar os “sinais”, os “indícios”, as “pistas” acerca do passado, contidos nos mais variados documentos para, então, tentar “decifrá-lo”.

Para a análise mobilizamos o conceito de *cultura escolar*, pensando que ele “permite articular, descrever e analisar, de uma forma muito rica e complexa, os elementos chave que compõem o fenômeno educativo” (FARIA FILHO, 2008, p. 85), tais como os tempos, os espaços, os saberes, os sujeitos e as práticas escolares. Tendo em vista a análise específica



acerca dos sujeitos que participaram ativamente da história do Grupo Escolar e da produção de suas culturas escolares em diferentes momentos, recorreremos aos estudos de Peres (2000) e de Quadros (2006). Outros estudos são mobilizados no decorrer do texto como Fraga (2017) e Bastos (1994, 2005).

Este artigo está dividido em três momentos: a contextualização da instituição escolar, a análise dos momentos de formação docente e as prováveis conclusões a respeito da importância desses estudos no interior do grupo escolar.

O GRUPO ESCOLAR FARROUPILHA: BREVES CONSIDERAÇÕES

O Governo do Estado criou dois grupos rurais, com o fim de iniciar o ensino agrícola rudimentar experimentando ao mesmo tempo o resultado do mesmo. Caxias foi favorecida com um desses grupos que foi localizado em Nova Vicenza. Duas aulas estaduais foram transferidas para o grupo, tendo sido nomeado seu diretor um técnico de agricultura. (Celeste Gobbato, 1927)⁵.

A história do Grupo Escolar Farroupilha⁶ inicia em meados do século XX, quando por meio do Decreto nº 3.867, de 5 de julho de 1927, o governo do Rio Grande do Sul, sob a administração de Borges de Medeiros,⁷ determinou a instalação de dois grupos escolares rurais⁸ no Estado, sendo um deles o grupo escolar em estudo, localizado no Distrito de Nova Vicenza, na época município de Caxias.

Nesse sentido, para a constituição da instituição pesquisada, foram reunidas a 5ª Aula Pública e Mista de Nova Vicenza, sob regência da professora Maria Ignês Vizeu e a 22ª Aula Pública e Mista de Nova Vicenza, sob a regência da professora Maria Mocellini. Cabe pontuar que as respectivas professoras, juntamente com o diretor Antão de Jesus Batista⁹, foram indicadas para compor o quadro docente do novo grupo escolar rural. Ao que tudo indica, ele emergiu com a finalidade de ministrar o ensino primário e os conhecimentos práticos e rudimentares de agricultura para meninos e meninas da localidade.

No entanto, essa ênfase no ensino rural perdurou até meados de 1933, culminando com a saída de Antão de Jesus Batista da direção escolar, assim como com as mobilizações pela emancipação política do Distrito de Nova Vicenza, ocorrida em 11 de dezembro de 1934, quando, então, passou a ser município de Farroupilha. Segundo as memórias do ex-diretor Antão de Jesus, nesse ano, a escola teria deixando de ser Grupo Escolar Rural de Nova Vicenza para denominar-se Grupo Escolar de Nova Vicenza.

Em virtude das poucas fontes encontradas em relação aos primeiros anos dessa instituição, intuímos que essa mudança possa estar assentada nos discursos de progresso que circulavam em meio à comunidade nesse momento, tendo em vista o desenvolvimento do distrito com a instalação de pequenas indústrias e casas comerciais, a estação de trem, assim como a crescente produção agrícola. Nesse sentido, o ensino rural ministrado pelo Grupo



Escolar pode ter sido representado como sinônimo de atraso frente às transformações sociais e econômicas que impulsionavam a emancipação, buscando promover a afirmação de uma identidade urbana condizente com a passagem de distrito para município. É provável que o entendimento fosse de transformá-lo em escola urbana, com um currículo voltado para as novas exigências da futura cidade.

Poucos anos depois, outra mudança observada ao longo da pesquisa em relação ao processo histórico educacional do grupo escolar refere-se novamente à troca de nomenclatura da escola, uma vez que passou a identificar-se como Grupo Escolar Irene Guerra Flores da Cunha. Encontramos poucas fontes para afirmar em que ano essa modificação ocorreu, mas, possivelmente, tenha acontecido entre os anos de 1935 a 1937, período em que o General Flores da Cunha¹⁰ estava à frente do governo estadual. Sendo assim, levando em consideração que Nova Vicenza conquistou a sua emancipação em dezembro de 1934, no governo do então General Flores da Cunha, interpretamos a alteração do nome da instituição como uma possível homenagem, pois Irene Guerra Flores da Cunha era o nome da esposa do referido político.

A partir de 1937, com o início do Estado Novo (1937-1945) e com a saída de Flores da Cunha do governo do Rio Grande do Sul, a denominação da escola mudou passando a Grupo Escolar de Farroupilha. A partir desse momento, ao portar o nome do município, prestava uma homenagem à história do Estado, referindo-se à Revolução Farroupilha. Perdurou com essa nomenclatura até 1944, quando passou a se chamar Grupo Escolar Farroupilha¹¹. Ainda, em 1937, iniciam-se as obras da edificação de um prédio para abrigar a instituição pesquisada que desde o momento em que foi implantada no contexto do município funcionou em espaços improvisados.

Quanto ao novo prédio do grupo escolar, diante das fontes consultadas¹², entendemos que, para uma cidade do interior do Estado, que há pouco tempo conquistara sua independência política e tentava se inserir em um contexto urbano, a edificação e a organização desse grupo escolar modificou o cenário da cidade e significou uma importante conquista para a população local.

Destacamos que, a partir da construção do prédio, a escola passou a vivenciar uma nova fase no seu processo histórico educacional e, com isso, a produção de uma nova cultura escolar com a adoção de espaços diferenciados, contando com a presença de outros sujeitos, bem como fabricando novas práticas escolares.

Assim, em relação aos sujeitos, em especial, as professoras, destacamos que exerceram o magistério na instituição em análise, entre os anos de 1944 a 1949, as seguintes professoras:

Quadro 1 – Professoras do Grupo Escolar Farroupilha (1944-1949)

(continua)

Professora	Escola de Formação	Ano da formatura	Ano de ingresso no Grupo Escolar
Célia C. P. Amando	Escola Normal (Porto Alegre) ¹³	1937	1938



Quadro 1 – Professoras do Grupo Escolar Farroupilha (1944-1949)

(conclusão)

Olga Ramos Brentano	Escola Complementar de Caxias ¹⁴	1934	1939
Alice Gasperin	Escola Complementar de Caxias	1943	1944
Hilda C. Rodriguez	-	-	1938
Clementina Mazzochi	Escola Complementar de São José (São Leopoldo) ¹⁵	1934	1940
Lucy Maria Courtois	Escola Complementar de Caxias	1941	1941
Silvia Jaconi	Escola Complementar de Caxias	1933	1942
Gema Comin Pesca	Escola Complementar de Caxias	1938	1938
Lourdes Comandulli	Ginásio São José, Caxias ¹⁶	1937	1943
Maria F. L. Schülhe	Escola Complementar de Caxias	1943	1944
Lygia Schmitz	Escola Complementar de São José (São Leopoldo)	1935	1943
Maria Rössler	Escola Complementar de São José (São Leopoldo)	1936	1944
Olinda Enriconi	Escola Normal (Porto Alegre)	1931	1945
Suely M. Giron	Escola Complementar Santa Catarina (Novo Hamburgo) ¹⁷	1942	1947
Fandila Reginato	Escola Complementar de Caxias	1935	1936
Ilsa Molina Martins	Escola Normal (Porto Alegre)	1921	1945
Maria A. B. Fernandes	Instituto de Educação ¹⁸	1949	1948
Balbina C. Bizarro	Escola Complementar de Caxias	1944	1948
Leondina M. Marin	Escola Complementar de São José (São Leopoldo)	1941	1947

Fonte: Colégio Estadual Farroupilha (1940) e Colégio Estadual Farroupilha (1950).

Como é possível verificar no quadro acima, o corpo docente da instituição nesse período era composto unicamente por mulheres, sendo que essa realidade não é um fato incomum, uma vez que a feminização do magistério primário é um fenômeno ocorrido em diversos países, sobretudo no final do século XIX e início do século XX. No cenário brasileiro, “[...] é possível identificar algumas transformações sociais que, ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes.” (LOURO, 2011, p. 99). Para se ter uma ideia, entre essas transformações estão o crescimento da urbanização, o acesso das mulheres à educação escolar, os baixos salários pagos aos professores, “[...] afastando os homens e criando oportunidades para as mulheres.” (DEMARTINI; ANTUNES, 1993, p. 7). Assim como os discursos que relacionavam à docência à vocação materna, como destaca Louro (2000), entre outras transformações.



Peres (2000, p. 177) ressalta que não se pode discutir o processo de feminização do magistério apontando uma única causa como responsável por esse fenômeno, pois “[...] ele é resultado de um conjunto de elementos sociais, culturais e econômicos, decorrente das transformações que se operaram na sociedade na virada de século.” Ainda de acordo com a autora, no Rio Grande do Sul, “[...] desde o final do século XIX, o magistério público primário já tinha essa característica: era formado em sua grande maioria por mulheres.” (PERES, 2000, p. 177).

Ainda, no período enfatizando em nosso estudo, verifica-se que a grande maioria das professoras da instituição eram complementaristas e normalistas, formadas pela Escola Complementar existente em Caxias, pela Escola Complementar de São José, localizada em São Leopoldo, bem como pela Escola Normal de Porto Alegre, além de registros de professoras formadas pelo Ginásio São José em Caxias, Instituto de Educação, possivelmente em Porto Alegre e Escola Complementar Santa Catarina, em Novo Hamburgo.

Entendemos que esses foram alguns, dos principais espaços de formação docente no Rio Grande do Sul e destacamos também, a importância e a emergência da Escola Complementar de Caxias, “[...] criada para suprir a necessidade de formar e aperfeiçoar docentes para as escolas primárias da cidade e região a partir da década de 1930 [...]” (BERGOZZA, 2010, p. 53), em consonância com o Decreto nº. 4. 277, de 13 de março de 1929, que regulava o ensino normal e complementar no Estado. Certamente, a instalação da Escola Complementar em Caxias foi uma importante conquista para a Região, pois, como destaca Luchese (2007, p. 178), suscitou “[...] uma nova possibilidade de qualificação regional e pública [...]”, especialmente para muitas jovens que queriam continuar os seus estudos.

Das dezenove professoras que atuaram na instituição pesquisada, entre os anos de 1944 a 1949, apenas a professora Hilda C. Rodriguez parece não ter cursado uma escola de formação de professores, sendo que não existe menção da instituição formadora em nenhum dos documentos analisados. No entanto, é possível pensar que ela atuava como professora leiga, sendo que ingressou no magistério municipal em 1922¹⁹ e no magistério estadual em 1930 e nesse período não havia obrigatoriedade da formação docente.

Os dados apresentados no Quadro 1, envolvendo os espaços de profissionalização para o magistério, bem como as datas de ingresso das professoras no grupo escolar são indícios do momento histórico que estava sendo vivenciado, sobretudo no Rio Grande do Sul, por meio dos projetos de nacionalização do ensino e de renovação educacional, em que há, entre outras questões, medidas de estruturação da carreira docente, preocupações com a formação dos professores que “[...] requeria treinamento e formação continuada [...]” (QUADROS, 2006, p. 216), assim como a expansão da rede física de escolas, que, conseqüentemente, amplia o número de vagas e de professores nomeados. (BASTOS; TAMBARA, 2014). Assim, passamos a partir desse momento, a análise em torno dos momentos de formação em serviço vivenciados por essas professoras, sobretudo nos anos 40 do século XX.



OS MOMENTOS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO

Estiveram presentes onze professoras nessa terceira “Hora Pedagógica”. Orientou os trabalhos a professora Lucy Courtois e foi objeto de estudo as normas gerais para o ensino da ortografia, inclusas no comunicado nº 2 do Centro de Pesquisas e Orientação.
(Célia C. P. Amando, 15 de setembro de 1948)²⁰.

É a partir das memórias da professora Olga Ramos Brentano e dos registros contidos nos Livros Hora da Leitura (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1944-1947), Horas Pedagógicas (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1948-1950) e Círculo de Estudos (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1947 a 1951), preservados no ACEF,²¹ que centralizaremos a análise nesse momento. Os documentos que servem de base para esta análise referem-se à década de 40 do século XX, pois foram produzidos a partir da reforma educacional ocorrida no Rio Grande do Sul e da instalação e atuação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE/RS, órgão vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Estado, criado em 1943.

A reforma educacional foi motivada pelo “[...] clima reformista que experimentou o país nos anos de 20 e 30 [...]”²² (PERES, 2000, p. 130) e intensificou-se a partir do ano de 1937, momento em que toma posse da Secretaria de Educação e Saúde Pública,²³ J. P. Coelho de Souza²⁴.

Segundo Quadros (2006, p. 121), o movimento reformista empreendido pelo Estado gaúcho,

[...] alcançou condições de aparecimento a partir das formulações do discurso da nacionalização do ensino, que sustentou o aparelhamento do Estado para a execução de uma ampla, intensa e profunda reforma educacional. Essa reforma se inseriu num contexto de reorganização e racionalização dos serviços de instrução pública, no âmbito do qual a população e a educação emergiram como um problema do governo.

Entre as medidas conduzidas pelo secretário Coelho de Souza, ressaltamos a reorganização da Diretoria Geral de Instrução Pública, a criação das delegacias regionais de ensino, bem como a criação dos cargos de delegado e de orientador do ensino elementar, a profissionalização docente, a organização da carreira do magistério público primário, a construção de novos prédios escolares, a aquisição de novos mobiliários e materiais didáticos, como também a criação da Seção Técnica da Diretoria Geral de Instrução Pública, posterior Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE/RS, dentre outras.²⁵

É importante frisar que essa reforma no Rio Grande do Sul envolveu diversas instituições como governo, igreja, partidos políticos, imprensa, escolas e comunidade, sendo resultado de uma união de elementos como a nacionalização do ensino, o Estado Novo, o aumento populacional, os discursos pedagógicos e a participação de intelectuais e “[...] não de uma evolução ou necessidade.” (QUADROS, 2014, p. 145). De acordo com os apontamentos



do mesmo autor, o movimento da reforma educacional refletiu-se intensamente na perspectiva de modernização das instituições, sendo mais do que um movimento administrativo, pois:

[...] modificou não só a legislação que regulamentava a educação e os espaços em que se realizava, mas os métodos de ensino, as relações de trabalho, as finalidades da instrução e os dispositivos por meio dos quais ela adquiria sua eficácia social. (QUADROS, 2006, p. 117).

Para Bastos e Tambara (2014, p. 91) a rede escolar pública foi ampliada e também

[...] acompanhada por medidas de aperfeiçoamento do aparelho do ensino rio-grandense. Isso significou reestruturar o sistema, centralizando-o de modo a que alcançasse a modernização pedagógica preconizada pelo movimento renovador iniciado em 1937, homogeneizando as diretrizes educacionais.

Para tal intento, os mesmos autores destacam que,

[...] recorreu-se a uma série de tecnologias: cursos, seminários, palestras, missões pedagógicas, subsídios de orientação, comunicados. Estas concorreram mais para organizar os processos regulamentares da pedagogia, em busca de uma organização científica da administração da educação. (BASTOS; TAMBARA, 2014, p. 109).

Tais medidas buscavam a promoção da autonomia, da criatividade dos professores, na medida em que o trabalho voltou-se para as práticas pedagógicas concebidas num outro lugar. Assim, o “CPOE/RS constituiu-se como um lugar que, ao mesmo tempo em que produzia e disseminava um conhecimento no campo pedagógico, instituiu-se como campo de realização ou aplicação deste conhecimento [...]” afirmam Bastos e Tambara (2014, p. 109).

Diante das diversas medidas empreendidas pela reforma educacional, direcionamos o olhar para o CPOE/RS que, a partir de 1943, tornou-se o centro das decisões educacionais no Estado e o órgão responsável por estabelecer “[...] formas de controle sofisticadas, tanto em relação à profissão docente quanto à vida de alunos, da escola e da comunidade escolar de um modo geral.” (PERES, 2000, p. 136). Assim, adquirindo, como afirma Quadros (2006, p. 283): “[...] um papel proeminente no planejamento, na organização e na avaliação do processo pelo qual o Estado assumiu o problema da escola.”

No Boletim do CPOE/RS de 1947, foram listadas como principais atribuições e funções do Centro:

a) realizando estudos e investigações psicopedagógicas, destinadas a manter em bases científicas o trabalho escolar; b) promovendo cursos e reuniões para contínuo aperfeiçoamento técnico do professorado; c) elaborando medidas para a organização das classes, orientação educacional e controle do rendimento escolar; d) organizando, com fundamento nos estudos realizados, planos de trabalho, programas, comunicados, circulares e instruções e encaminhando-os às direções das escolas sob a jurisdição da Secretaria; e) solucionando os problemas de ordem técnica que lhe tem sido apresentados. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA, 1947, p. 11).



Dentre o papel marcante do CPOE/RS na condução do ensino primário e na configuração da cultura escolar disseminada e produzida no interior do Grupo Escolar Farroupilha, atentamos para a formação em serviço das professoras da instituição, haja vista que “[...] o preparo intelectual e técnico do professor [...]” (QUADROS, 2006, p. 199) era objeto de atenção por parte dos CPOE/RS e necessitava “[...] de um contínuo aperfeiçoamento, forma de manter-se atualizado diante da produção do conhecimento que passava a ser disponibilizado. Para isso, demandava-se do professor a adoção de hábitos de estudo e de pesquisa.” (QUADROS, 2006, p. 199).

Para tal, foram criados os momentos de estudo e pesquisa denominados de Hora Pedagógica, Hora da Leitura, Leitura Pedagógica ou Círculo de Estudos,²⁶ criados, segundo Peres (2000) a partir de 1937. No entanto, os indícios que ora utilizamos, referem-se aos anos de 1940 do século XX, o que sinaliza para o descarte de alguns registros escolares da instituição ou para a inexistência desses momentos de estudo antes de 1944.

Cabe pontuar que tais momentos destinados à formação docente foram importantes para o aprendizado e para a discussão de novas ideias com base nos princípios, finalidades, ideais, práticas e métodos fundamentados pelas concepções da Escola Nova²⁷ que orientaram a reforma educacional no Estado e o trabalho desenvolvido pelo CPOE/RS.

A modernização do ensino ou renovação se embasava, dentre outras ações, como já dito, no preparo intelectual e técnico dos professores. Como explica Quadros (2006, p. 199):

[...] não podia ser professor quem não tivesse sólido preparo em psicologia infantil, quem não compreendesse os problemas sociais, quem não tivesse conhecimento de higiene ou que não dominasse a metodologia de ensino, quem não conseguisse expressar-se corretamente na língua nacional e em alguma língua estrangeira. Em síntese, para ser professor, requeria-se o estudo científico das bases da profissão e o preparo técnico para o trabalho profissional.

Como parte deste preparo são incentivadas e propostas as horas pedagógicas e de leitura. Segundo apresenta Peres, o objetivo da Hora Pedagógica era:

Criar um clima propício ao estudo e discussão dos princípios e técnicas recomendados e uma disposição espiritual e emocional favorável (...) e constituir-se centro de cultura da escola e forma de estabelecer o intercâmbio de conhecimentos e de experiências individuais. (apud PERES, 2000, p. 219).²⁸

Ao longo dos anos de 1944 a 1949, foram desenvolvidas 252 reuniões de estudos no Grupo Escolar Farroupilha, sendo que o Livro Hora da Leitura tem registradas 113 reuniões, o Livro Círculo de Estudos tem registradas 68 e o Livro Hora Pedagógica tem registradas 71. A primeira reunião registrada data do dia 29/02/1944 e a última do dia 18/11/1949.

Segundo aponta Peres (2000), os livros mencionados faziam parte de um conjunto de normatizações advindas do CPOE/RS, que orientava o registro de cada reunião pedagógica em livro próprio, destinado ao arquivo da escola. Sendo assim, a partir das atas, é possível observar um pouco da organização das reuniões (data, horário, roteiro das atividades



desenvolvidas), os assuntos (temáticas) estudados e discutidos pelas professoras, bem como identificar o nome das professoras que participavam das reuniões, assim como em algumas atas é possível verificar as bibliografias que estavam sendo lidas pelo grupo.

Esse conjunto de normatizações era enviado para as escolas por meio de comunicados²⁹, sob a denominação de Instruções para organização e funcionamento da Hora Pedagógica. (PERES, 2000). De acordo com os registros contidos na primeira reunião pedagógica realizada no dia 11/08/1948:

Foi objeto de estudo um comunicado do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais sobre “Instruções para organização e funcionamento da Hora Pedagógica”. O estudo foi fundamentado no próprio comunicado e resultou a observância fiel das instruções nele contidas. (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1948-1950, ata n. 1).

Na perspectiva apontada por Quadros (2006, p. 41), além de orientar o trabalho realizado nas reuniões pedagógicas,

[...] os Comunicados definiam os objetivos das atividades propostas, as normas para o desenvolvimento do trabalho, as atividades a serem desenvolvidas, a bibliografia a ser utilizada, os exercícios a serem propostos e os critérios para a avaliação.

Como se observa, havia uma efetiva preocupação “[...] com o planejamento rigoroso do fazer docente [...]” (QUADROS, 2006, p. 41) e um controle acerca do que estava sendo lido e discutido no cotidiano da escola primária. Quanto à organização das reuniões, é possível dizer que elas se realizavam semanalmente no interior da escola, porém, encontramos registros de reuniões que ocorreram duas vezes na mesma semana. Normalmente, aconteciam às 11h da manhã, duravam em torno de uma hora e contavam com a participação dos (as) diretores (as), das professoras e alguns momentos contavam também com a presença da orientadora de ensino, sujeito que passa a integrar a estrutura administrativa das escolas estaduais a partir do ano de 1944. (PERES, 2000).

Nesse contexto, passa a fazer parte do cotidiano da instituição a orientadora de ensino Wanda Jaconi³⁰, durante os anos de 1944 a 1947. Conforme os registros das atas, verifica-se que Wanda orientou as professoras em questões que diziam respeito ao preenchimento de fichas sob os alunos, a elaboração do programa da Semana da Pátria e dos planos de aula, além de palestrar sob a campanha de boas maneiras, aulas práticas de trabalhos manuais, disciplina escolar, criação de hábitos pelas professoras, como o uso do avental e economia do material escolar. Como rememora a professora Olga Ramos Brentano (1989):

Uma escola ficava longe da outra e havia dificuldade em saber-se de trabalhos realizados por outras escolas. Ao iniciarem as visitas das orientadoras, aí sim, houve um elemento de ligação entre a escola, o centro maior e os componentes desta escola com a Sec. de Educação. A orientação pedagógica era feita através desta orientadora de ensino.



Cabe pontuar que o trabalho da orientadora se dava mediante a participação nas reuniões de estudo, como também por meio de comunicados enviados à escola com prescrições que deveriam ser seguidas pelos diretores e pelo corpo docente, como se pode verificar no trecho da ata transcrita abaixo:

Comunicado da Sra. Orientadora Wanda Jaconi sobre os perfis da classe e os horários de lições [...]. Quanto aos horários, determina a Orientadora que cada professora deve ter em sua sala de aula o horário das matérias, emoldurado e pendurado. Que o nosso interesse é apresentar a sala de aula o mais bem organizada possível. (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1947-1951, ata n. 22).

Quanto ao diretor (a), era ele (a) que tomava a palavra no início da reunião para realizar a leitura dos comunicados passando informações que vinham da Delegacia de Ensino ou da Secretaria de Educação. Cabia a ele definir junto ao corpo docente situações acerca dos horários das aulas e das reuniões de pais, o tempo do recreio, a programação das festividades escolares, a organização dos planos de trabalho, o destino do valor arrecadado na caixa escolar, bem como orientar as professoras a respeito da utilização e dos cuidados com os materiais da escola e, muitas vezes, sugeria temas de estudos, como faz o diretor Júlio Feijó em 1947.

Ainda com a palavra o Sr. Júlio Feijó sugeriu às professoras que utilizem os livros da biblioteca da escola, aproveitando as horas em que os alunos estiverem nas aulas de música, religião e educação física. Acrescentou que, com o tempo em reuniões regulares e devidamente orientadas, talvez seja possível a organização de um estudo mais aprofundado de assuntos de grande relevância para o magistério, como sejam a psicologia, a disciplina e a higiene. (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1944-1947, ata n. 14).

Nota-se por parte do diretor um controle acerca da organização do tempo das professoras na escola e uma preocupação em orientar uma leitura que viesse a contribuir com o fazer docente em sala de aula. Ao destacar as temáticas como a psicologia, a disciplina e a higiene privilegiou temas que estavam relacionados ao movimento da Escola Nova³¹.

Após as orientações do (a) diretor (a), uma das professoras realizava a leitura em voz alta de um tema, geralmente escolhido por todas, dentre as indicações de obras pedagógicas que, segundo Peres (2000), eram recomendadas pelo CPOE/RS, uma vez que estavam relacionadas às concepções da Escola Nova e da Pedagogia Científica. Os apontamentos de Peres (2000) podem ser verificados no depoimento da professora Olga Ramos Brentano, pois, segundo ela, a Hora Pedagógica “[...] era o momento também onde a gente fazia um estudo das dificuldades, ou das ideias novas, modernas sobre métodos, didáticas.” (BRENTANO, 1991, p. 5).

Ao final de cada reunião uma professora era designada para orientar os trabalhos da próxima sessão, mediante escolha prévia do assunto. Em algumas atas, é possível verificar a descrição das temáticas discutidas, bem como a opinião do grupo a respeito do assunto. Veja-se um exemplo:

Assunto da leitura: erros mais comuns cometidos na multiplicação, divisão, frações



ordinárias, números decimais, porcentagem e suas aplicações.

Livro consultado: Didática da Escola Nova.

Resumo da leitura: [...]. No cálculo mental, as frações decimais são frações ordinárias, porém, no cálculo escrito as decimais devem apresentar-se como uma extensão de nosso tema de numeração e exige muitas precauções [...]. A princípio as operações de porcentagem devem apresentar-se de um modo informal. O cálculo da porcentagem não é um ramo da aritmética muito diferente dos demais e sim uma aplicação das operações feitas com frações decimais. Houve discussões e divergências sobre a maneira de ensinar-se a divisão de frações decimais. (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1944-1947, ata n. 11).

Após a análise das atas verificamos que as professoras do Grupo Escolar Farroupilha leram entre os anos de 1944 a 1949, programas de ensino, obras completas, capítulos de livros e artigos publicados na Revista de Ensino³². Entre os livros mais lidos, destacam-se: Práticas Escolares, Práticas Escolares vol. 2, Desenho da Criança e Desenho Pedagógico e Didáticas escolares, de Antônio D'Ávila³³; Didática da Escola Nova e História Natural (Organização e preparações de Museus Escolares), de Alfredo M. Aguayo; O método de contas para o ensino da leitura, de José de Almeida; Psicologia Pedagógica, de *José De La Vaissière*; Manual de Pedagogia Moderna, de *Everardo Backheuser*; Tratado de Pedagogia, de Monsenhor Pedro Anísio; Como se Ensina Geografia, de Antônio Firmino de Proença.

Discutiram assuntos envolvendo: formação de professores, trabalho ativo, reprovação, métodos de ensino, avaliação, didática, higiene, disciplina, geografia local e excursões escolares, linguagem, utilização do jogo como instrumento pedagógico, trabalho com as histórias infantis, importância das dramatizações, psicologia pedagógica, fases do desenvolvimento, adolescência e juventude, primeira infância, bem como o ensino da leitura, da escrita, da aritmética, dos estudos sociais, do desenho, entre outros temas. Para exemplificar, organizamos o Quadro 2 em que é possível visualizar as datas e as temáticas discutidas em alguns dos momentos de formação em serviço ocorridos nos meses de março e abril de 1947, assim como alguns excertos.

Quadro 2 – Hora da Leitura no Grupo Escolar Farroupilha, 1947

(continua)

Data	Temas tratados	Excerto do documento
08/03/1947	Distribuição das classes e trabalhos escolares.	A primeira reunião contou com a presença da Orientadora de Ensino, Wanda Jaconi, Nessa reunião foi “assinado um telegrama dirigido, ao Exmo. Sr. Dr. Walter Jobim, solicitando a permanência do atual Secretário de Educação e Cultura”.
12/03/1947	Instituições auxiliares e compra de volumes pedagógicos para estudo das professoras.	“A diretora sugeriu a contribuição de uma determinada importância mensal para a aquisição de volumes pedagógicos, o que foi aceito por todas as professoras presentes”.



Quadro 2 – Hora da Leitura no Grupo Escolar Farroupilha, 1947

(continuação)

		<p>“A diretora consultou as professoras presentes sobre a distribuição das diversas instituições; de acordo com a escolha das mesmas ficou assim determinado: Pelotão da Brasilidade - Prof. Olinda Enriconi, Pelotão da Saúde, arquivo e almoxarifado – Prof. Maria Rössler...”</p>
19/03/1947	<p>Preenchimento de fichas da “Biblioteca Escolar” pelos alunos, leitura do comunicado do CPOE/RS sobre a classificação dos alunos nas diferentes classes e leitura das finalidades da Escola Primária.</p>	<p>“Houve comentário do assunto lindo.” Porém, não consta na ata quais foram esses comentários.</p>
26/03/1947	<p>Horário das aulas de música, designação de professoras para as aulas de religião, acompanhamento dos alunos pelas respectivas professoras até o portão de saída, preparo de alguns números para a “Hora Cívica” dos feriados 14 e 21 de abril, preenchimento de fichas para as professoras que quiserem se associar no Clube de Professores Primários, cobrança da Caixa Escolar, compra de livros para a Biblioteca dos Professores e assunto para a próxima “Hora da Leitura”.</p>	<p>“Ficou resolvido que o assunto a tratar será: “Como se ensina Geografia” da autoria de A. F. Proença”.</p> <p>“Em seguida deu-se início a leitura feita pela relatora que versou sobre: “Motivação da aprendizagem”, com os seguintes subtítulos: fontes da motivação, hábitos e atitudes mentais, o jogo, tendências e experimentação...”</p> <p>“Houve um ligeiro comentário da Diretora sobre o jornal de classe como meio de motivação para a redação”.</p>
02/04/1947	<p>Designação das professoras para dar religião, para cuidar os alunos no recreio, lista de classificação de testes do 1º ano, distribuição das preleções das datas comemorativas, ensino de geografia.</p>	<p>“A professora Olga Ramos Brentano de Oliveira relatou os assuntos que leu no livro “Como se ensina Geografia” de A. F. Proença”.</p>
09/04/1947	<p>Programas de canto das Horas Cívicas, reunião do CPM, ensino de geografia.</p>	<p>“Em seguida procedeu-se a leitura, sendo relatora a professora Ilsa M. Martins que leu no livro Como se ensina Geografia de A. F. Proença, os capítulos: Como se tem ensinado Geografia, Como se ensina Geografia”.</p>
16/04/1947	<p>Ensino de geografia.</p>	<p>“Procedeu-se a leitura, sendo relatora a professora Alice Gasperin que leu no livro: “Como se ensina Geografia”, de A. F. Proença os capítulos: “Geografia local” e “Excursões”.</p>



Quadro 2 – Hora da Leitura no Grupo Escolar Farroupilha, 1947

(conclusão)

23/04/1947	A documentação de trabalho, pontualidade e assiduidade dos alunos, maneiras de levar a efeito a 1ª reunião do CPM do corrente ano e assunto da próxima reunião: instituições e higiene.	Em relação ao primeiro item da reunião: “É de opinião do Sr. Diretor “que devemos produzir muito com o mínimo de esforço” e nesse sentido, foi reduzido o número de cópias da programação de horas e atos cívicos e resumo das horas de leitura semanais”. “Voltou-se novamente a falar na pontualidade e o Senhor Diretor determinou que nenhum aluno sairia cedo, salvo por casos imprevistos ao que a professora Célia Pinto Amando perguntou se isso não iria implicar na falta de assiduidade, pois muitos alunos são encarregados de levarem o almoço aos pais no local em que trabalham, precisando assim saírem da aula às 11h30 horas. O Sr. Diretor aprovou esta pergunta e determinou que as professoras que tiverem casos dessa natureza verifiquem a veracidade dos mesmos por meio de entendimento com os pais dos alunos e sendo necessário verdadeiramente eles sairão”.
------------	---	---

Fonte: Colégio Estadual Farroupilha (1944-1947).

Como se pode verificar, essas reuniões comportavam assuntos de caráter administrativo e pedagógico. Era um momento particular do corpo docente e direção, destinado para tratar de assuntos inerentes ao cotidiano escolar – recreio, horários, disciplina, mas também para formar e qualificar em serviço as professoras, em especial, a partir das leituras da Revista de Ensino³⁴ ou de obras educacionais importantes para a época. A respeito dos compêndios didáticos de formação de professores, Boto (2018, p. 160) enfatiza que: “Em geral, é por meio dos manuais – sob ênfase deste ou daquele trecho, desta ou daquela ênfase – que os grandes clássicos do discurso pedagógico são interpretados.” Ressalta-se ainda, a compra de volumes pedagógicos para estes momentos, com auxílio financeiro das próprias professoras.

Em relação à Revista de Ensino, Peres (2000, p.218), com base no estudo de Bastos (1994; 2005), destaca que esse impresso pedagógico foi criado em 1939 por um “[...] grupo de professores ligados à Universidade de Porto Alegre, com a colaboração técnico-pedagógica da Secretaria de Educação e Saúde Pública” com vistas a “qualificar a prática docente [...]” e “[...] divulgar propostas didáticas e experiências pedagógicas [...]” inovadoras no campo educacional. Porém, após o ano de 1942, encerra-se o primeiro ciclo de produção da Revista, só retornando a partir de 1951. Nesse sentido, cabe destacar que durante o período de 1944 a 1949, as professoras do grupo escolar leram e discutiram edições da Revista de anos anteriores. Como evidência, no dia 06/09/1944, foi estudado o texto “O Ditado” publicado na primeira edição da Revista em setembro de 1939, suscitando discussões acerca dos



fundamentos psicológicos e da correção do ditado.³⁵ No dia 03/11/1946, foi realizada a leitura da edição de número 6 da Revista de Ensino, tratando das normativas do programa de música do 1º ao 5º Ano, bem como das normativas do programa de estudos sociais e naturais.³⁶ Tais indícios apontam a importância dos temas e dos significados atribuídos à Revista que, mesmo com o passar do tempo, continuou sendo um importante suporte de orientação do fazer docente das professoras do grupo escolar.

Além das leituras já citadas, as professoras do grupo escolar leram também o programa adotado nas escolas primárias de Minas Gerais, sinalizando para a circulação de ideias e saberes em voga. Em relação ao programa, entendemos que seja o Programa de Ensino, embora nas atas não seja possível fazer essa identificação. Durante o ano de 1945, as professoras da escola buscaram inspiração neste texto para realizar o planejamento de algumas aulas para as turmas de 1º ao 5º Ano, utilizando sugestões de atividades e de leituras para a hora da história, conforme apresentamos a seguir:

[...] Julho – Agosto e Setembro. Nesse trimestre a professora deve aproveitar todas as oportunidades para dar à criança a noção da palavra principal do predicado – verbo – e da palavra principal do sujeito – o substantivo e o pronome. Atividades: associar, quando possível, as atividades as datas cívicas deste período. 1) Conversa. 2) Histórias contadas pela professora. Hora da História – neste trimestre a hora da leitura pode ser preenchida, de vez em quando, com histórias contadas pelas crianças. As histórias devem ser curtas e contadas antes à professora. As que já foram contadas pela professora, devem ser reproduzidas, se forem da escolha espontânea da criança. Sugestão para a professora: “Cabeça de cavalo”, versão de Anderson, “A gata borralheira”, versão de Grimm, “João Bobo”, “Rosa vermelha” e “Rosa branca”, versão de Grimm. (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1944-1947, ata n. 9).

Como se pode notar, o planejamento estava de acordo com as ideias didático-pedagógicas da Escola Nova, bem como com as orientações previstas no Regimento Interno das Escolas Primárias do Estado gaúcho, aprovado em 1939. Embora “[...] o limite do registro não permite aprofundar em que medida os assuntos estudados e debatidos revertiam efetivamente em mudanças na prática de ensino.” (PERES, 2000, p. 223), a partir de fotografias desse período escolar é possível pensar que algumas das atividades propostas de fato fizeram parte do cotidiano da escola, como, por exemplo, as dramatizações a partir de histórias contadas pelas professoras.

Concordamos com Peres (2000, p. 217) quando a autora assinala que a Hora Pedagógica “[...] foi uma das práticas de leitura mais difundidas entre as professoras [...]” no período em questão, porém, para a autora, essa leitura estava “[...] sob vigilância [...]” constante do Estado, pois os livros eram indicados pelo CPOE/RS e a leitura que era realizada no ambiente escolar, entre as professoras. Uma leitura oral coletiva e pode-se dizer que direcionada para os objetivos da Secretaria da Educação e do Centro de Pesquisas. No entanto, pode-se considerar que a leitura é uma “caça furtiva”, como aponta Chartier (2002, p. 123) ao apropriar-se das contribuições de Certeau (1985), em virtude de que “[...] a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum



redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros [...]” ou ainda, neste caso, das intenções dos técnicos do CPOE/RS, por exemplo.

Claro que as professoras leram e discutiram as bibliografias indicadas para os momentos de formação, mas em algumas atas é possível notar que nem todas concordavam com os métodos de ensino ou com as ideias propostas por alguns autores trabalhados. Seria ingenuidade pensar que todas se apropriaram da mesma maneira dos estudos realizados na Hora Pedagógica, uma vez que os sujeitos “[...] não manipulam do mesmo modo a matéria escrita.” (CHARTIER, 2002, p. 122).

CONCLUSÃO

Tomando como análise os documentos produzidos na cotidianidade dessa escola pública primária, vislumbramos os reflexos da reforma educacional ocorrida no Rio Grande do Sul nos anos 30, assim como da criação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais em 1943, no que se refere à formação de professores em serviço. A reforma educacional colocou em voga uma série de mudanças e inovações para a educação pública gaúcha dentro dos preceitos da Escola Nova e o Centro de Pesquisas, ficou com a função de produzir e divulgar essa nova concepção de educação. (PERES, 2000). Dentre os princípios de renovação pedagógica, a formação de professores ganhou atenção, uma vez que seriam as professoras as disseminadoras desses novos ideais de ensino. Sendo assim, era preciso investir na formação docente com o intuito de formar e aperfeiçoar professores para as escolas primárias. Para tal, o governo abriu escolas para a formação de novos professores e investiu nos momentos de formação profissional para aqueles que já estavam em sala.

Na Região Nordeste do Estado, onde está localizado o grupo escolar, não havia até 1930, uma escola oficial para formar professores, uma vez que anterior a esse período, a maioria das professoras que trabalhavam nas escolas da Região eram leigas. Com a instalação da Escola Complementar de Caxias, no município de Caxias, há o acesso à profissionalização docente e possibilidade de continuação dos estudos. Muitas jovens recém-formadas pelas Escola Complementar passaram a compor o corpo docente do Grupo Escolar Farroupilha, a partir de 1933, entre elas, as professoras Olga Ramos Brentano e a Wanda Jaconi.

Como foi possível verificar ao longo desse escrito, além das escolas complementares, o governo estadual oportunizou a formação em serviço para os professores estaduais colocando em circulação a Revista de Ensino e divulgando diversas circulares que orientaram os momentos de estudo no interior das escolas gaúchas indicando leituras, sugestões de atividades, estudos de pedagogia e psicologia.

No caso do Grupo Escolar Farroupilha, localizado em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, esses momentos de estudos adquiriram relevância, na medida em que colocaram as professoras primárias em contato com os impressos pedagógicos que discutiam as mais recentes descobertas da pedagogia científica e instrumentos de ensino. Foram espaços



privilegiados para leituras, debates e reflexões coletivas sobre a prática docente, os fazeres instituintes de uma cultura escolar pública, gratuita e que buscava qualificação e modernização. Entendemos que, embora induzidas pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, as leituras realizadas, especialmente na Hora Pedagógica, foram importantes para o trabalho pedagógico da escola e se refletiram, entre outros aspectos, nas práticas escolares observadas nas fotografias acerca desse período. Desse modo, pode-se dizer que as mudanças nas políticas educacionais e a circulação de ideias pedagógicas da Escola Nova, somadas às melhorias no campo da impressão de livros – com o crescimento editorial no Brasil, sinalizavam para ‘novos tempos’ que no contexto gaúcho somavam a modernização da educação pública através do investimento na formação docente, a institucionalização de processos seletivos (concursos públicos), a ampliação de instituições formativas para docentes, a crescente preocupação com a nacionalização do ensino e o fechamento de escolas de imigrantes. Páginas de uma história da educação gaúcha que apontam para a expansão da escola pública primária promovida com a abertura de grupos escolares, o investimento na formação de professores inicial e em serviço (como analisada neste artigo) e na nacionalização do ensino.

REFERÊNCIAS

- AMANDO, C. C. P. **Livro horas pedagógicas** (1948-1950). Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha. Farroupilha, RS, 1948.
- ARRIADA, E. *et al.* Moças comportadas, crentes e obedientes: Colégio São José de São Leopoldo. *In*: TAMBARA, E.; CORSETTI, B. (org.). **Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: UFPel, 2010. p. 35-59.
- ASSOCIAÇÃO CONGREGAÇÃO SANTA CATARINA. **Colégio Santa Catarina: 100 anos de História**. Novo Hamburgo, 2010.
- BASTOS, M. H. C. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939 – 1942): O Novo e o Nacional em Revista**. Pelotas: SEIVA, 2005.
- BASTOS, M. H. C. **O novo e o nacional em revista: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)**. 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- BASTOS, M. H. C.; TAMBARA, E. A. A nacionalização do ensino e a renovação educacional no Rio Grande do Sul. *In*: QUADROS, C. (org.). **Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil**. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2014. p. 71-118.
- BERGOZZA, R. M. **Escola complementar de Caxias: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, 2010.



BOTO, C. A civilização escolar pelos compêndios didáticos de formação de professores. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 155-178, jul./ago. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/issue/view/2436>. Acesso em: 11 maio 2019.

BRENTANO, O. R. Entrevista a Gilmar Marcílio e Janete Zucolotto. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Caxias do Sul, RS, 1991. p. 1-19.

BRENTANO, O. R. Entrevista a Márcia Pasqual *et al.* Farroupilha, RS: Arquivo da Biblioteca Pública Municipal Olavo Bilac, 1989.

CERTEAU, M. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: COTIDIANO, CULTURA POPULAR E PLANEJAMENTO URBANO, 1985, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FAU/USP, 1985. p. 3-19.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA. **Fichário do corpo docente do Grupo Escolar Farroupilha**. Farroupilha, RS: Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha, 1950.

COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA. **Fotografia solenidade de inauguração do novo prédio da instituição**. Farroupilha, RS: Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha, 1938.

COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA. **Histórico do Grupo Escolar Farroupilha**. Farroupilha, RS: Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha, 1942.

COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA. **Histórico do Grupo Escolar Farroupilha**. Farroupilha, RS: Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha, 1973.

COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA. **Livro círculo de estudos**. Farroupilha, RS: Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha, 1947 a 1951.

COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA. **Livro hora da leitura**. Farroupilha, RS: Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha, 1944-1947.

COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA. **Livro horas pedagógicas**. Farroupilha, RS: Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha, 1948-1950.

COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA. **Livros histórico dos professores**. Farroupilha, RS: Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha, 1940.

DEMARTINI, Z. B. F.; ANTUNES, F. F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 86, p. 5-14, ago. 1993.

FARIA FILHO, L. M. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa. In: VEIGA, C. G.; FONSECA, T. N. L. (org.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 77-97.



FRAGA, A. S. de. **Trajetórias de alunas-mestras a professoras intelectuais da educação no Rio Grande do Sul (1920 – 1960)**. 2017. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

GINZBURG, C. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 143-179.

GOBBATO, C. **Relatório correspondente ao período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1927, apresentado ao conselho municipal de Caxias**. Fonte documental disponível no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami – Caxias do Sul/RS.

GONÇALVES, D. P. **A instrução pública, a educação da mulher e a formação de professores nos jornais partidários de Porto Alegre/RS (1869-1937)**. 2013. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GRAZZIOTIN, L.; ALMEIDA, D. B. (org.). **Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul**. Memórias e cultura escolar nos séculos XIX e XX. São Leopoldo: Oikos, 2016.

GRAZZIOTIN, R. M. B. **Pressupostos da prática educativa na diocese de Caxias do Sul – 1934 a 1952**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

JORNAL O MOMENTO, ano VI, n. 285. Rio Grande do Sul. Caxias, 22 de agosto de 1938. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 30 abr. 2015.

KREUTZ, L. A nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul: medidas preventivas e repressivas. In: QUADROS, C. (org.). **Uma gota amarga: itinerário da nacionalização do ensino no Brasil**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014. p. 153-190.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. (org.). BASSANEZI, C. (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 443-481.

LUCHESE, T. Â. **O processo escolar entre imigrantes da Região Colonial Italiana do RS – 1875 a 1930**: Leggere, scrivere e calcare per essere alcuno nella vita. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

MAESTRI, M. **Breve história do Rio Grande do Sul da pré-história aos dias atuais**. Passo Fundo: EdUPF, 2010.

MONARCHA, C. **A reinvenção da cidade e da multidão: dimensão da modernidade brasileira – a Escola Nova**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.



PERES, E. T. **Aprendendo formas de ensinar, de pensar e de agir** - A escola como oficina da vida. Discursos pedagógicos e práticas escolares na escola pública primária gaúcha (1909-1959). 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

QUADROS, C. O discurso que produz a reforma: nacionalização do ensino, aparelhamento do Estado e reforma educacional no Rio Grande do Sul. *In*: QUADROS, C. (org.). **Uma gota amarga**: itinerário da nacionalização do ensino no Brasil. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014. p. 119-152.

QUADROS, C. **Reforma, ciência e profissionalização da educação**: o centro de pesquisas e orientações educacionais do Rio Grande do Sul. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 929, de 30 de agosto de 1939. Dispõe sobre a aprovação do Regimento Interno das escolas primárias do Estado. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>. Acesso em: 15 jan. 2015.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº. 3.867, de 5 de julho de 1927. Dispõe sobre a criação do Grupo Escolar Rural de Nova Vicenza. **Leis, decretos e actos do Governo do Estado**, 1927.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. **Boletim do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais**. Porto Alegre, RS, 1947. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/133652>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SOUZA, J. E. **As escolas isoladas**: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande/RS (1940-1952). 2015. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

TREVISAN, T. A. O ensino da leitura e escrita segundo Antônio d'Ávila: práticas escolares (1940). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 20, p. 165-191, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38553>. Acesso em: 11 maio 2019.

Notas

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Graduada em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora da Universidade de Caxias do Sul no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação em História. Líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: taluches@ucs.br. ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-6608-9728>.

² Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Graduação em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista CAPES e Membro do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM). Professora de Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Município de Farroupilha/RS. E-mail: cassianecfernandes@gmail.com. ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-5347-6067>.

³ A professora Olga Ramos Brentano foi entrevistada em dois momentos. Suas entrevistas estão transcritas, foram acessadas no Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (Caxias do Sul/RS)



e no Arquivo da Biblioteca Pública Municipal Olavo Bilac (Farroupilha/RS) e analisadas como documento histórico.

⁴ Antigo Grupo Escolar Farroupilha, localizado no município de Farroupilha/RS.

⁵ A presente citação foi extraída do Relatório da Intendência Municipal de Caxias, correspondente ao período administrativo decorrido de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1927 (p. 104). O referido documento está depositado no Arquivo Histórico Municipal João Adami Spadari (AHMJA), Caxias do Sul/RS.

⁶ Sobre os colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul consultar Grazziotin e Almeida, 2016.

⁷ Antônio Augusto Borges de Medeiros, natural de Caçapava do Sul (RS), formou-se Advogado pela Faculdade de Direito de Recife e governou o Rio Grande do Sul por cinco mandatos.

⁸ O outro grupo escolar foi organizado na Colônia General Osório, município de Cruz Alta.

⁹ Natural de Taquari (RS), Antônio de Jesus Batista era técnico agrícola, formado pelo Instituto de Zootecnia em Viamão. Aos 22 anos de idade estabeleceu-se em Nova Vicenza para administrar o grupo escolar. Foi o profissional que por mais tempo se manteve na administração desta escola, pois ficou no cargo durante os anos de 1927 a 1933, quando se afasta na direção para trabalhar na Secretaria de Agricultura do município.

¹⁰ “Em 28 de novembro de 1930, imediatamente após a revolução, Getúlio Vargas designou José Antônio Flores da Cunha como interventor do Rio Grande do Sul [...]. Flores da Cunha governaria o Rio Grande como interventor até abril de 1935. A seguir, foi eleito governador indiretamente pela Assembleia Constituinte sulina, até 17 de outubro de 1937. Então, renunciou e refugiou-se no Uruguai, em razão de sua fracassada oposição a Vargas e ao Golpe do Estado Novo. [...]. Flores da Cunha nasceu em Santana do Livramento em 1880. Era o terceiro dos treze filhos de tradicional estancieiro republicano da região. Ligado desde jovem ao PRR, formou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1902, trabalhando na capital federal como delegado de polícia.” (MAESTRI, 2010, p. 321). Flores da Cunha ocupou diferentes funções tendo sido intendente de Uruguaiana, deputado estadual, subchefe de polícia, governador e senador pelo Rio Grande do Sul.

¹¹ Manteve essa identificação até o ano de 1978, quando, juntamente com o Ginásio Estadual Farroupilha, tornou-se Escola Estadual de 1º Grau Farroupilha.

¹² Fotografia “Solenidade de inauguração do novo prédio da Instituição” (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1938), Histórico do Grupo Escolar Farroupilha (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1942, 1973) e escritura de compra e venda do terreno da escola, localizados no ACEF. Assim como, a reportagem do Jornal O Momento, ano VI, n. 285. Rio Grande do Sul. Caxias, 22 de agosto de 1938, disponível no site da Biblioteca Nacional.

¹³ Segundo Gonçalves (2013) a Escola Normal foi criada em 1869, na Província do Rio Grande de São Pedro, mais tarde denominada de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Ao longo de sua história, sofreu diversas modificações, entre elas de nomenclatura. A referida instituição teve as seguintes denominações: Escola Normal de Porto Alegre (1869 a 1901), Colégio Distrital de Porto Alegre (1901-1906), Escola Complementar de Porto Alegre (1907-1929), Escola Normal (1929-1935), Escola Normal General Flores da Cunha (1935-1937) e Instituto de Educação (1939).

¹⁴ Bergozza (2010, p. 61) ao estudar a história da Escola Complementar de Caxias, nos diz que a mesma foi aberta em 1930, na região central do município de Caxias e que a partir de 1943, “[...] o nome da Escola Complementar desaparece para dar lugar à denominação de Escola Normal Duque de Caxias.”

¹⁵ Conforme destaca Souza (2015, p. 147) o Colégio São José, de São Leopoldo, atendia desde 1904 alunas da região do Vale do Sinos. Acerca desta instituição sugerimos o estudo de Arriada et al. (2010).

¹⁶ A partir do estudo de Grazziotin (2010) é possível entender que 1937 é criado o Curso Ginásial no Colégio São José em Caxias, contando com uma matrícula de 15 alunos. Ainda segundo o mesmo autor, o Colégio São José iniciou suas atividades em Caxias, no ano de 1901, “[...] foi o primeiro colégio de confissão religiosa fundado na cidade.” (GRAZZIOTIN, 2010, p. 56).

¹⁷ Segundo consta no livro “Colégio Santa Catarina: 100 anos de história” (ASSOCIAÇÃO CONGREGAÇÃO SANTA CATARINA, 2010), produzido em homenagem ao centenário da instituição, em 1900 a Congregação das Irmãs de Santa Catarina, vinda da Alemanha, instala em Novo Hamburgo/RS um colégio religioso para atender meninos e meninas da localidade. Com o passar do tempo, em 1931, o colégio passou a denominar-se Escola Complementar Santa Catarina, tendo sua primeira turma de formandas em 1933.

¹⁸ Nos documentos consultados não consta o local da instituição formadora, mas pode ser que seja o Instituto de Educação de Porto Alegre, antiga Escola Normal.

¹⁹ Município de Santa Vitória/RS.

²⁰ O excerto acima foi extraído do Livro Horas Pedagógicas (COLÉGIO ESTADUAL FARROUPILHA, 1948-1950), preservado no Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha – Farroupilha/RS.



²¹ Os Livros acima foram localizados juntamente com os demais documentos na Secretaria do Colégio Estadual Farroupilha e pertencem ao arquivo documental da instituição, sendo que os três documentos são de capa dura e contêm 100 páginas cada um, todas rubricadas pelos diretores e diretoras do período em questão (1944-1949).

²² Segundo Peres (2000, p. 130): “Associado a isso, havia as experiências de reformas dos sistemas de ensino público, processadas em outros estados brasileiros desde os anos 20, que iriam influenciar ações no campo da educação pública no Rio Grande do Sul (era o casa das reformas em São Paulo, com Sampaio Dória, em 1920; no Ceará, em 1922, com Lourenço Filho; na Bahia, em 1924, com Anísio Teixeira; em Minas Gerais, em 1927, com Francisco Campos; no Rio de Janeiro, em 1928, com Fernando de Azevedo).”

²³ O nome completo era Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública (Sesp/RS), criada em 1935.

²⁴ José Pereira Coelho de Souza era natural de Porto Alegre/RS e formado em Direito. Foi deputado federal, estadual e em 1937, assumiu a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública (Sesp/RS) do Rio Grande do Sul, sendo um dos responsáveis por instaurar diversas medidas preventivas e repressivas de nacionalização do ensino no estado, entre elas o desdobramento da rede escolar. (KREUTZ, 2014).

²⁵ Ver Quadros (2006, 2014).

²⁶ A partir do estudo de Quadros (2006) e da análise a respeito dos três documentos encontrados, pensamos que o Círculo de Estudos mantinha os mesmos objetivos que os demais momentos de estudos, apenas com outra denominação.

²⁷ Ver Monarcha (1990).

²⁸ De acordo com Peres (2000) este trecho foi extraído do Boletim do CPOE (1948-1949, p. 9).

²⁹ Peres (2000, p. 217, grifos da autora) ressalta que: “Não eram simples comunicados breves e envolvendo questões administrativas. Os comunicados eram, em muitos casos, verdadeiros *tratados de Pedagogia*: orientações didático-pedagógicas (de planejamento, de organização das aulas, da avaliação, etc.) sugestões de atividades escolares, discussões de caráter teórico, regulamentações, entre outras coisas, compunham esses comunicados que chegavam, via Delegacia Regional de Ensino.”

³⁰ A professora Wanda Jaconi era farroupilhense e provinha de uma família tradicional e conhecida no município em questão. Em 1934, formou-se como aluna-mestre pela Escola Complementar de Caxias e ao longo de sua vida profissional atuou como professora e diretora no Grupo Escolar Farroupilha. De acordo com os indícios encontrados, em 1942, Wanda A. Jaconi desliga-se do grupo escolar para trabalhar como orientadora de educação elementar, na 4ª Região Escolar, com sede no município de Caxias/RS.

³¹ Conforme estudo de Fraga (2017) outro importante centro difusor das ideias escolanovistas no RS foi a Escola Normal General Flôres da Cunha (assim denominada em 1937 ou Instituto de Educação a partir de 1939). Conforme a autora “[...] nas décadas de 1920 e 1930, o setor educacional do país vive o momento de ascensão do Movimento da Escola Nova, cuja proposta direcionava-se à qualificação do ensino através da reforma do currículo, dos métodos de ensino, da qualificação técnica dos professores e da criação de laboratórios técnicos. Neste sentido, buscando a qualificação de seus docentes [Escola Normal], grupos de professores gaúchos participavam de viagens de estudos ao Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Uruguai, para conhecerem e observarem novos métodos e processos de ensino”. (FRAGA, 2017, p. 103).

³² Sobre a Revista do Ensino ver Bastos (2005).

³³ Antônio D'Ávila foi um dos autores mais lidos pelas professoras do Grupo Escolar Farroupilha ao longo dos anos de 1944 a 1949. Segundo o estudo de Trevisan (2009, p. 168), o educador paulista Antônio D'Ávila “[...] escreveu manuais de ensino, livros didáticos, artigos em jornais e revistas, biografias [...]” e ministrou inúmeras conferências e discursos. Entre os seus escritos mais difundidos no Brasil, destaca-se o Manual de ensino Práticas escolares que, de acordo com Trevisan (2009, p. 168), “[...] teve sua 1ª edição em 1940, pela editora Saraiva, e foi utilizado até pelo menos a década de 1970, em cursos de formação de professores primários.” Ainda conforme aponta a autora, em 1944 é publicado o volume 2 deste manual e a partir de 1954 o volume 3.

³⁴ Veja-se Bastos (1994).

³⁵ Livro Hora da Leitura - Ata nº 21, 06/09/1944.

³⁶ Livro Hora da Leitura - Ata nº 29, 03/11/1946.